



A FUNÇÃO MORFOPRAGMÁTICA DOS DIMINUTIVOS EM CORPORA ORAIS DE MULHERES DE HAVANA, CIDADE DA GUATEMALA E CARACAS

THE MORPHOPRAGMATIC FUNCTION OF DIMINUTIVES
IN ORAL CORPORA OF WOMEN FROM HAVANA,
GUATEMALA CITY AND CARACAS

Camilla Santero Pontes¹
Universidade de Brasília

Resumo: Este trabalho descritivo-comparativo tem por objetivo identificar quais são as funções morfopragmáticas do sufixo diminutivo (-ito/a) em variedades do espanhol e observar se as formações diminutivas estão a serviço da construção de face do entrevistado. Para tanto, foram analisadas 9 entrevistas sociolinguísticas do projeto PRESEEA, todas de mulheres entre 24 e 59 anos, com nível superior de escolaridade. Foram selecionadas três entrevistas de cada variedade, são elas: Havana, Cidade da Guatemala e Caracas. Os dados analisados a partir da Morfopragmática (Dressler; Merlini Barbaresi, 2020) e da Teoria de elaboração de faces (Goffman, 1980) demonstraram a multifuncionalidade dos diminutivos, extrapolando seu caráter dimensional.

Palavras-Chave: Morfopragmática; Língua Espanhola; Diminutivos; Trabalho de Face.

Abstract: *This descriptive-comparative study aims to identify the morphopragmatic functions of the diminutive suffix (-ito/a) in Spanish varieties and to observe whether diminutive formations serve the interviewee's face construction. To this end, 9 sociolinguistic interviews from the PRESEEA project were analyzed, all with women aged 24 to 59, with higher education. Three interviews were selected from each*

¹ camilla.santero@unb.br.

variety: Havana, Guatemala City, and Caracas. The data analyzed based on Morphopragmatics (Dressler; Merlini Barbaresi, 2020) and Facework Theory (Goffman, 1980) demonstrated the multifunctionality of diminutives, going beyond their dimensional character.

Keywords: *Morphopragmatic; Spanish; Diminutives; Facework.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho descritivo-comparativo é parte de uma pesquisa maior que tem por objetivo identificar quais são as funções morfopragmáticas dos sufixos diminutivos (-ito/a) em variedades geoletais do espanhol e observar se as formações diminutivas estão a serviço da construção de face do entrevistado. Para tanto foram analisadas dezoito entrevistas sociolinguísticas do projeto PRESEEA (Projeto para o Estudo Sociolinguístico do Espanhol da Espanha e da América), todas de mulheres entre 24 e 59 anos, com nível superior de escolaridade. Foram selecionadas três entrevistas de cada variedade, são elas: Alcalá de Henares, Montevideu, Cidade do México, Havana, Cidade de Guatemala e Caracas. O presente trabalho apresentará os resultados das últimas três variedades mencionadas.

Há alguns anos, quando esse trabalho teve início, investigamos a ocorrência de formas diminutivas na produção de homens e mulheres das variedades carioca e madrilenha. Dos seis homens analisados em cada uma das variedades, totalizando doze, encontramos apenas três ocorrências de formações diminutivas sintéticas, todas com função exclusivamente dimensional, sendo duas delas em nível avançado de lexicalização (mercadinho e parquinho) para o português brasileiro. Diante da pluralidade de usos encontrada nos *corpora* femininos e a escassez nos *corpora* masculinos, optamos por explorar as funções morfopragmáticas na fala de mulheres hispânicas.

Embora ainda estejamos na fase de análise e descrição dos dados de cada variedade, pretendemos posteriormente confrontar esses resultados, de modo a:

(i) contribuir para o ensino de variação e pragmática nas aulas de espanhol como língua adicional, (ii) colaborar com os estudos descritivos em língua espanhola, conhecendo um pouco mais sobre os usos linguísticos de cada variedade, e (iii) cooperar com os estudos de glotopolítica, evidenciando que a variação linguística do espanhol vai muito além do léxico e fonética, portanto qualquer tentativa de se criar uma norma estandar gera inevitavelmente o apagamento de muitas variedades etc. Os dados analisados a partir da Morfopragmática (Dressler; Merlini Barbaresi, 2020) e da Teoria de elaboração de faces (Goffman, 1980) demonstraram a multifuncionalidade dos diminutivos, extrapolando seu caráter dimensional.

Para alcançar o objetivo proposto realizamos o seguinte trajeto. Após a introdução, tecemos algumas considerações sobre os diminutivos, em seguida discorremos sobre o referencial teórico que nos permitiu olhar para os dados (ocorrência diminutiva, falante e contexto de uso). Posteriormente compartilhamos o passo a passo para empreender a análise desta pesquisa, com a metodologia desenvolvida – instrumentos de análise, especificações do *corpus* etc. Por fim, passamos à análise e discussão dos resultados encontrados para cada uma das variedades.

1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS DIMINUTIVOS: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Desde 2011 nos debruçamos sobre o funcionamento dos sufixos diminutivos e a constante busca por materiais dentro desta temática nos mostra o predomínio, ao longo desses mais de dez anos, de estudos sob uma perspectiva morfológica e/ou semântica. Tanto os estudos linguísticos, quanto as próprias gramáticas normativas, quando fazem alguma diferenciação entre os usos referenciais e subjetivos, não vão além do que prevê a morfossemântica.

Um exemplo da preeminência dos estudos sobre os sufixos diminutivos a partir de uma abordagem não pragmática pode ser visto por meio de uma pesquisa rápida na ferramenta Google com a entrada *los diminutivos*, que traz como resultados trabalhos morfológicos, semânticos, prosódicos, lexicográficos e de linguística histórica (Lázaro Mora, 1999; Moliner, 2007; Tancheva, 2018; Hu, Sáez Rivera, 2022). Este último trabalho menciona na paisagem linguística de Madri diminutivos com função pragmática (interacional), mas não desenvolve tal função. Sobre os estudos semântico-pragmáticos, apareceram dois, o de Malaver (2018) para os diminutivos no espanhol venezuelano e o de Mendoza (2005), que afirma que os diminutivos em espanhol não somente indicam redução de tamanho, mas também atuam como marcadores da polidez.

A definição dos diminutivos largamente apresentada, para a língua espanhola, trata da união do sufixo diminutivo a uma base léxica para indicar redução de tamanho ou alguma valoração afetiva (Alonso, 1967; Zuluaga Ospina, 1970; Jurafsky, 1996).

Em seu ensaio sobre a expressão afetiva no espanhol coloquial, Beinhauer (1985) afirma que os sufixos diminutivos são o quebra cabeça de todas as gramáticas e métodos do espanhol e apresenta uma lista extensa de sufixos diminutivos: *-ito, -ita, -ete, -eto, -ote, -cito, -ecito, -ececito, -illo, -cillo, -ecillo, ececillo, -ico, -cico, -ecico, -uelo, -olo, -ezuelo, -zuelo, -ichuelo, -achuelo, -echezuelo*. Além dos sufixos depreciativos (*-ajo, -ejo, -ijo, -acuajo, -arajo, -istrajo*) e dos regionais como, *-ín* para Asturias, *-ino* para Extremadura, e *-iño* para Galicia. A vasta lista se deve, entre outras coisas, à consideração dos infixos como parte integrante dos sufixos.

Beinhauer (1985) propõe a frequência de uso como critério para reduzir a lista de diminutivos e viabilizar o estudo sistemático de cada afixo. Desse modo, o autor apresenta os sufixos *-ito, -illo, -ico* como os mais utilizados em língua espanhola, sendo *-ico* uma variante popular regional de *-ito*. No entanto, seus estudos refletem uma tentativa de sistematizar os usos desses sufixos, atribuindo

funções regulares a cada um desses morfemas sufixais. Tal tentativa normatizadora limita o potencial funcional dos diminutivos em uso em interações situadas.

Na *Nova Gramática da Língua Espanhola* (2009), os diminutivos são abordados a partir de três principais funções: (i) diminuir fisicamente a entidade referida; (ii) mitigar fatores potencialmente negativos; e (iii) intensificar as qualidades contidas na forma base. Novamente, longe de contemplar toda a funcionalidade dos diminutivos, tais caracterizações são apresentadas como fixas e isoladas, ou seja, como se cada sufixo diminutivo carregasse um valor intrínseco, o que se desconstrói na prática linguística. As gramáticas consideram os valores afetivos, pejorativos, apreciativos etc., como secundários, mas Alonso (1967), que fez um estudo detalhado sobre os valores subjetivos dos diminutivos, concluiu que o que vai determinar a função que cada sufixo assume é o falante e sua subjetividade, que reflete a tensão existente entre o sujeito e o objeto. Sobre esta tensão defendida pelo autor, entendemos que a tensão não reside apenas entre sujeito e objeto, mas inclui outras variáveis contextuais, como interlocutores envolvidos, objetivo comunicativo etc.

Em seu artigo *Noción, emoción y fantasía en los diminutivos*, Alonso (1967) afirma que os diminutivos sintéticos não são por sua natureza dimensionais, mas individualizações destacadas. Ou seja, o papel desses sufixos é especializar, personificar o dito. De acordo com o autor, o diminutivo dá destaque ao objeto não através da mera referência semântica, mas através da representação afetivo-imaginativa do objeto, isto é, não é tanto uma relação entre significado e significante, mas é o juízo de valor do falante sobre o objeto referido. E continua seu argumento a favor da preponderância das representações da fantasia que, para ele, está intimamente ligada à emoção através do afeto e da valorização do objeto.

A classificação que Alonso (1967) propôs para os diminutivos sintéticos é dividida em três grandes grupos: (i) formação diminutiva voltada ao referente, (ii) formação diminutiva voltada ao interlocutor e (iii) formação diminutiva voltada a ambos ao mesmo tempo.

Os diminutivos nocionais de Alonso (1967), ou seja, os voltados ao objeto referido, dizem sobre o que nos afeta – visão subjetiva, os emocionais compreendem o domínio da estima e do intelectual, ainda que não exista um valor sem sua correspondente emoção nem emoção que não suponha um valor. Os diminutivos de frase expressam um estado de ânimo – o falante joga com as palavras, os estético-valorativos contemplam o objeto.

Com os sufixos voltados para o interlocutor, Amado Alonso apresenta os afetivo-ativos, que são os vocativos (*San Cristobalito*), os de polidez, que o conteúdo se dirige ao interlocutor, porém ao invés de pressionar com uma manifestação de afeto, se trata de uma atenuação polida. Os efusivos excluem os diminutivos intencionalmente ativos. E por último os representacionais eloquentes que são diminutivos de ação, em que a emoção é substituída pela fantasia, possuem um forte caráter representacional. Em suma, o autor adverte que, apesar da denominação “diminutivos”, esta é a função menos frequente tanto na língua escrita quanto na oral.

Em consonância com Alonso (1967) e contrários à atenção secundária dada, por outros autores, aos valores subjetivos e relacionais (valores pragmáticos) dos diminutivos, os falantes de espanhol como língua materna não só usam tais formações nas mais variadas situações, como também as relacionam a outros valores que vão muito além da mera diminuição daquilo a que se referem. Afinal, a redução pode não ser do objeto mencionado, mas do possível impacto gerado pelo que foi dito, ou ainda reduzir a distância entre os falantes etc.

Em outras palavras, os diminutivos, a depender do contexto, podem atuar como uma estratégia pragmática de acomodação (Giles *et al.*, 1991), indicando um movimento de convergência do falante ao seu interlocutor ou de divergência. As formas diminutivas podem funcionar como mecanismos de dêixis social, desempenhando um papel importante para marcar e construir as relações interpessoais; isto porque tais formas podem constituir a codificação linguística dos papéis sociais dos interlocutores e da relação que existe entre eles, revelando muitas vezes as hierarquias sociais de uma dada comunidade.

Portanto, tratar dos diminutivos sem considerar sua dimensão pragmática significaria perder parte do seu potencial discursivo, como reforça Reynoso Noverón (2005) ao afirmar que a natureza pragmática dos diminutivos explica, dentre outras coisas, a essência polissêmica dos afixos em termos das necessidades comunicativas do falante. Assim, os diminutivos revelam a maneira como o falante representa seu referente, seu interlocutor e a si mesmo.

De acordo com o modelo de classificação de Alonso (1967) e, em alguma medida, com a divisão apresentada na *Nova Gramática da Real Academia* (2009), Reynoso Noverón (2005) afirma que os diminutivos podem assumir três funções. Uma objetiva, que se refere à redução do ente referido e duas subjetivas. Há a subjetiva na qual o uso do diminutivo atribui um valor positivo ou negativo ao ente referido e outra subjetiva que se refere a um uso mais relacional do falante com os demais entes constituintes do discurso. Embora a autora reconheça que os sufixos diminutivos desempenham uma função interacional, a forma como categoriza os usos diminutivos limita seu potencial multifuncional, afinal, mesmo quando o sufixo diminutivo é empregado para marcar uma valoração positiva ou negativa ao referente, tal uso, com frequência, vem atrelado ao trabalho de face (Goffman, 1980).

Em outros termos, um diminutivo usado com função subjetiva de valoração positiva ou negativa ao ente referido pode servir para manter a

imagem projetada pelo falante, ou seja, reforça a imagem que ele construiu na interação para que os demais envolvidos a vejam daquela forma e não de outra, ou ainda levá-lo a perda da imagem projetada. Um uso descuidado de uma formação diminutiva, por exemplo, pode levar o falante a perder sua face (a imagem que ele quis trazer de si em dada interação). Uma perda de face pode gerar constrangimento, descredibilidade etc. que comprometeriam o bom andamento da troca interpessoal.

Ainda sobre a classificação de Reynoso Noverón (2005), não é fácil sistematizar critérios para analisar dados sob uma perspectiva pragmática, a tentativa de criar categorias fechadas pode ocultar informações importantes da língua em uso, pode inclusive mudar os resultados. É preciso ir para os dados com os cinco sentidos bem apurados, além da leitura de um material teórico formado não somente pela Pragmática, mas pela Psicologia, Antropologia, Sociologia, entre outras ciências que forneçam ferramentas para lidar com as variáveis implicadas na troca comunicativa. Mesmo diante de todos esses esforços, seguiremos vendo somente uma parte do todo.

Tendo em vista que os morfemas diminutivos podem indicar um tipo de relação que o falante estabelece com o mundo ao seu redor, com seu(s) interlocutor(es) e com o referente diminuído, é importante estudá-los a partir das realizações do falante, observando em que situações de uso e com que finalidade esses afixos aparecem nas entrevistas sociolinguísticas.

A pesquisa de Reynoso Noverón (2005) em quatro zonas geoletais – mexicana, andina, rioplatense e centro-norte peninsular – demonstrou que os usos subjetivos dos diminutivos são superiores aos referenciais em todas as regiões investigadas, exceto na variedade centro-norte peninsular, na qual a função dimensional é preponderante. Os resultados encontrados pela autora confirmam, como apresentado em outros estudos, que os diminutivos são mais produtivos em variedades americanas que peninsulares, e não somente com

advérbios, mas também com substantivos e adjetivos (Malaver, 2018). Para Reynoso Noverón (2005), o diminutivo parece ser uma flexível ferramenta pragmática da língua espanhola que fornece pistas contextuais do que o falante pretende comunicar em cada interação.

Ante a constatação do diminutivo como um versátil recurso morfopragmático, reiteramos a necessidade de resistir a categorizações como uma tentativa de nos aproximarmos do potencial indexal desses morfemas. Com esse propósito e para além da classificação entre usos subjetivos e objetivos, adotamos a prática da hermenêutica da suspeita (Estermann, 2010)² e verificamos em todas as ocorrências diminutivas, sejam elas referenciais ou subjetivas, se esses usos estão à serviço do trabalho de face do falante. Afinal, diferente do que propõe Reynoso Noverón (2005), os diminutivos não são segmentados de modo a aparecerem ora como subjetivo, ora como referencial e ora como relacional. A função relacional não exclui as outras, pois pode haver funções sobrepostas com um mesmo diminutivo atuando simultaneamente sobre os interlocutores e sobre o referente propriamente reduzido.

A próxima seção dá um passo a mais em direção aos sufixos diminutivos. Abordaremos a Morfopragmática (Dresler; Merlini Barbaresi; 2020) e a Teoria de Elaboração de Face – Facework (Goffman, 1980), que possibilitaram considerarmos a multifuncionalidade que esses afixos podem desempenhar a depender do propósito comunicativo do falante que escolheu tal formação e seu contexto de uso.

² A Hermenêutica da Suspeita consiste em questionar, em um primeiro momento, a pretensão universal do discurso com a seguinte pergunta: “Poderia ser de outra maneira?” (Estermann, 2010).

2 A FUNÇÃO PRAGMÁTICA DOS DIMINUTIVOS: O CERNE DA QUESTÃO

Conforme discutido na seção anterior, muitos morfólogos veem como a principal função dos afixos diminutivos a de realçar qualidade e/ou quantidade, segundo os padrões individuais e subjetivos do falante, contudo, por também apresentarem função atitudinal, tendem a atuar na interface morfologia-pragmática (Dressler; Merlini Barbaresi; 2020).

Dressler e Merlini Barbaresi (2020, p. 406), ao analisarem a sentença “Como eu adoraria estar na minha caminha.”, afirmam que o significado semântico de tamanho pequeno não pode ser a razão de tal ocorrência, mas é a coloração emocional do ato de fala que aciona a imaginação da cama desejada. De acordo com os autores, além do recurso semântico de pequenez para os diminutivos, há o recurso pragmático [+ fictício], especificado pela característica [não-sério]. Tal característica não se limita apenas ao discurso centrado na criança ou na fala infantilizada, mas se estende às situações de fala que envolvam intimidade, familiaridade, simpatia, empatia, alegria, etc., além dos casos em que o diminutivo é usado para diminuir a responsabilidade do falante com o dito. A relação entre o traço semântico de pequenez e o recurso pragmático [não-sério] pode gerar confusões, como a constante associação das formações diminutivas à esfera infantil.

Para os autores, os padrões de formação de palavras podem ter um significado pragmático básico, ou pelo menos gerar efeitos pragmáticos secundários, tendo como base um significado semântico referencial. Mais precisamente, a morfopragmática se refere a uma regra morfológica que contém uma variável pragmática que não pode ser suprimida na descrição de seu significado.

Ainda segundo os autores, se os aspectos sociais da morfologia derivacional não fossem negligenciados, a superioridade da pragmática sobre a semântica na morfologia seria mais perceptível. Em defesa desse argumento, eles se valem, por exemplo, do processo de aquisição de L1, no qual as crianças adquirem primeiro os usos morfopragmáticos e posteriormente os morfossemânticos. Quando a formação diminutiva extrapola a relação com a palavra base, já não se trata de morfossemântica, mas morfopragmática. Nesta linha, Briz (2005) assevera que uma análise (morfo)pragmática considera, além do conteúdo comunicado, um falante que comunica e que manifesta uma atitude diante do comunicado, e um interlocutor que interpreta o codificado em determinadas circunstâncias comunicativas.

Ao definir os estudos pragmalinguísticos como centrados na investigação das formas linguísticas – entendidas como estratégias adequadas para se alcançar uma meta, Briz (2005) ressalta que os morfemas diminutivos são uma forma linguística que pode funcionar como pista contextual em uma atividade específica. Em conformidade com o autor espanhol, Dressler e Merlini Barbaresi (2020) acrescentam que uma análise (morfo) pragmática não repousa apenas no complexo trabalho inferencial do linguista, mas na identificação das motivações cotextuais e contextuais, bem como nas reações perlocucionárias, reconhecendo pistas contextuais e índices linguísticos relevantes.

Os interlocutores são um elemento constituinte do contexto, sem os quais não é o possível acessar as reações perlocucionárias. Para verificar como a intenção do falante em dizer X se materializa em um enunciado concreto, é preciso considerar seu interlocutor e como ele interpretou o que foi proferido pelo falante. A interpretação do interlocutor está condicionada não somente ao seu conhecimento de mundo, mas ao contexto situacional em que se dá a interação, à forma linguística utilizada pelo falante e aos papéis sociais que estão em jogo em dada interação.

2.1 Iluminando as trocas sociais onde os diminutivos aparecem

Com o intuito de trazer mais material para analisar a função menos descrita dos diminutivos – a função relacional, discutiremos nas próximas linhas os conceitos que envolvem o trabalho de face.

Nesse pormenor, o uso do morfema diminutivo é pragmaticamente relevante, porque ao expressar julgamentos é seguido, normalmente, pela aprovação ou rejeição do interactante. Logo, enunciar juízos de valor envolve certo risco⁷ de ter sua opinião confirmada ou não pelo interlocutor e, conseqüentemente, implica o trabalho de face (Goffman, 1980).

Segundo Tannen e Wallat (2002), numa interação cada interlocutor traz um esquema de conhecimento, ou seja, uma expectativa acerca das pessoas, objetos, eventos e demais elementos envolvidos na troca comunicativa, bem como as informações buscadas ao longo desse processo. Quando informados a respeito de seu interactante, escolhem o que julgam ser o melhor modo de interagir para atingirem qualquer que seja seu objetivo comunicativo. Goffman (2009) argumenta que,

quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita a seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. O que o falante espera é que seus interlocutores acreditem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele, e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (Goffman, 2009, p. 25).

Para Goffman (2002), optar por um comportamento em dada interação significa adotar uma linha, ou um padrão, de atos verbais e não verbais para opinar sobre a situação, submetendo o outro e a si próprio à avaliação. Essa linha afeta o outro que, por seu turno, atribuirá ao interlocutor uma imagem pública, uma face coerente com o que ele presume ser a linha tomada por seu interlocutor.

Conforme Brown e Levinson (1987) a face implica um empenho emocional – podendo ser perdida, mantida ou enaltecida – e deve ser preservada durante a interação. Em geral, as pessoas cooperam para a manutenção das faces durante uma interação e a não cooperação comunica algo ao interlocutor. Na teoria da acomodação, Giles et al. (1991) destaca que a não cooperação pode ser comunicada por meio de divergência, isto é, mudanças na fala que indicam um movimento proposital do falante na direção oposta ao seu interlocutor. Uma crítica, por exemplo, construída por meio do uso de uma formação diminutiva com função subjetiva de afeto negativo voltado a um referente que seja importante\valorizado pelo interlocutor pode gerar a perda da face do interlocutor que recebe a crítica ou de ambos os interlocutores, se fica claro que tal ato reflete um movimento consciente de distanciamento psicossocial etc.

A cooperação, com frequência, está baseada na mútua vulnerabilidade das faces. Desse modo, o trabalho de face envolve ações realizadas para sustentar a face. Mantê-la implica ter adotado uma linha coerente com a anterior e perdê-la significa não conseguir integrar à face que estava sendo sustentada a nova informação sobre seu valor social. Se há interação, há trabalho de face, seja para construir a imagem pública do falante – como ele quer ser visto por seu(s) interlocutor(s), seja para não perder a face diante de um possível ato ameaçador. Sobre a ameaça à face, caracteriza-se como tal, todo o ato que viole os desejos básicos dos participantes de dada interação. O que Brown e Levinson (1987) chamam de desejo da face negativa, se aproxima do que Bravo (2005) denomina desejo de autonomia e Spencer-Oatey (2007) classifica como direito à equidade, ou seja, o desejo de não receber imposições, ter liberdade de ação e não ter sua privacidade violada.

Já o desejo da face positiva ou desejo de afiliação, trata-se do desejo de ser aceito pelo interlocutor, sentindo-se parte do grupo com o qual interage. Nesse constante exercício de atender aos desejos da própria face e, com alguma

frequência, aos desejos da face de seu interlocutor, os participantes de uma interação interpretam as variáveis que incidem sobre o contexto em que a troca comunicativa se dá. Muitas informações são explicitadas por diferentes elementos verbais, não-verbais, paraverbais, etc, servindo à polidez ou a outro aspecto que atue na construção de face do interlocutor.

Como mencionado anteriormente, os diminutivos são elementos verbais que podem funcionar como pistas de contextualização (Gumperz, 2002), sinalizando pressuposições contextuais que influirão na interpretação do interlocutor. As pistas contextuais, como os diminutivos por exemplo, só assumem significação dentro de um contexto. Ou seja, um diminutivo pode funcionar como marca de afetividade e informalidade em uma conversa entre amigos, mas a mesma formação pode desempenhar a função de um atenuante em outro contexto. As pistas de contextualização são coerentes com o alinhamento tomado pelo falante em sua relação com o outro.

2.1 A atenuação

A atenuação como uma estratégia conversacional distancia o falante da mensagem e pode aproximá-lo de seu interlocutor. De acordo com Briz (2005), a atenuação como uma categoria pragmalinguística reduz o benefício de quem fala, reduz sua contribuição e, conseqüentemente, um possível desacordo que possa impedir o êxito comunicativo. O fato de evitar desacordos está associado ao trabalho de elaboração de face, porém, não necessariamente à polidez. A atenuação, portanto, está ligada à eficácia e eficiência pragmáticas, tendo uma relação muito maior com a face que com a polidez propriamente dita.

A atenuação pragmalinguística retrata uma tentativa de salvaguardar as faces de ambos os participantes da interação, buscando um equilíbrio estratégico que envolva, ou não, a polidez. O principal objetivo da atenuação é a

minimização da força perlocucionária em prol do prosseguimento da interação sem maiores tensões.

O diminutivo que funciona como um atenuante reforça a argumentação do falante, de modo a convencer seu interlocutor, pois aumenta a eficácia e eficiência da mensagem. Entretanto, em algumas situações a eficácia linguística depende da eficácia social, implicando uma atividade atenuadora estrategicamente polida (Briz, 2005). Segundo o autor, a maior ou menor presença de atenuantes em uma interação é proporcional, entre outras coisas, ao grau de desacordo existente na troca comunicativa, o que justifica a baixa incidência de diminutivos com função atenuadora nas entrevistas sociolinguísticas analisadas. Não obstante, os poucos dados encontrados são representativos do trabalho de face presente em qualquer interação.

2.2 A polidez

Contemporâneos de Brown e Levinson (1987), como Terkourafi (2005), Mills (2011), Bravo (2005), Briz (2005) e Spencer-Oatey (2007), argumentam que não há um padrão do que é mais polido ou menos polido. A polidez ganha um caráter dinâmico e situado. O falante será polido ou rude dependendo menos do que ele diz e mais da avaliação feita por seu interlocutor. A polidez ou cortesia é tida como um julgamento social no qual as elocuções são meras aberturas para a interpretação da mesma.

Para Terkourafi (2005), a polidez não é um cálculo racional de atenuação à ameaça da face como consideravam Brown e Levinson (1987), mas é *habitus*³ (esquema de conhecimentos que orienta sua prática) e frame (estruturas de dados de uma base de conhecimentos para a representação de situações estereotipadas).

³ A noção de *habitus*, retomada de Bourdieu (1983 apud Hanks, 2008), significa as disposições que geram as práticas, as percepções e atitudes sendo frequentes, porém não conscientes. Este set de atitudes ou práticas constitui as normas negociadas pelos indivíduos.

Sobre o conceito de polidez, têm-se, na atualidade, diferentes sentidos e funções para o mesmo em diferentes culturas. Os pós Brown e Levinson, como Mills (2011) e Terkourafi (2005), não focam a polidez no nível da frase ou sentença e não assumem que a polidez seja inerente à palavra usada na interação – o foco está no contexto, nas forças sociais, no discurso propriamente dito. Não existe nenhuma conceitualização antes ou depois do discurso. O indivíduo negocia as normas sociais ao mesmo tempo em que é formado por elas.

O modelo construído por Brown e Levinson (1987) trata o conceito de face como uma categoria pré-concebida, já os pós modernos, incluindo Spencer-Oatey (2007), encaram a face como um construto dinâmico e negociado na interação. A autora acredita, assim como Brown e Levinson (1987), que o conceito de face é universal, no entanto, reconhece que as diferenças culturais afetam, por exemplo, a escolha da estratégia mais apropriada para o trabalho de face.

A pragmática como o uso da língua em contexto estuda a configuração das relações sociais através da língua. E a polidez na interação face a face define e constrói a relação social entre os participantes recorrendo às convenções que fazem parte do contexto sociocultural, o qual não é necessariamente compartilhado em outras comunidades, podendo gerar mal-entendidos interculturais. Desse modo a polidez linguística é objeto de interesse para a pragmática posto que trata das relações entre língua, cultura e sociedade.

Conforme Goffman (2009) e Brown e Levinson (1987), qualquer participante de uma interação tem desejos de face, ou seja, deseja ser respeitado e reconhecido e, para isso, recorre ao comportamento socialmente aprovado pelos integrantes do grupo do qual faz parte através de ações verbais e não-verbais, dentre estas a polidez, que também é um tipo de trabalho de face.

O trabalho de face realizado durante uma interação pode funcionar como polido, quando realizado pelo falante em prol de seu interlocutor. Entretanto, a polidez não dá conta de todas as possibilidades de trabalho de face (Hernández

Flores, 2004), afinal há casos em que o trabalho de face realizado pelo falante é voltado a sua própria imagem, não porque se sinta ameaçado, mas porque necessitamos construir e manter a face na interação.

3 METODOLOGIA

Nesta seção exibimos os pressupostos metodológicos que propiciaram a análise qualitativa dos diminutivos coletados nos *corpora*. Apresentamos a seleção dos sufixos diminutivos, a atividade entrevista sociolinguística e as ferramentas de análise construídas a partir do que os dados revelaram.

Para a análise deste trabalho, foi feito um levantamento das 163 ocorrências de formações diminutivas de sufixo -ito(a) cuja base é um substantivo concreto em nove entrevistas sociolinguísticas – três de cada capital – realizadas entre os anos de 2004 e 2010.

A escolha por analisar exclusivamente os substantivos de base concreta se deve (i) ao fato de serem a única classe gramatical passível de redução de tamanho, o que nos permite contrapor a função referencial às demais funções, e, (ii) a uma tentativa de contribuir para a descrição das inúmeras funções que os diminutivos podem assumir quando formados a partir de uma base substantiva. Afinal, como defende Lázaro Mora (1999), a relação dos sufixos diminutivos com as bases substantivas constitui um problema complexo no qual atuam variáveis pragmáticas de difícil sistematização.

A exclusão de formações diminutivas com base adjetival ou adverbial reduz sobremaneira o número de ocorrências analisáveis nos *corpora* das variedades americanas, posto que os diminutivos são muito frequentes nessas classes gramaticais. Nesse sentido, Malaver (2018) explica que:

(...) os estudos gerais sobre a formação de diminutivos confirmaram que o espanhol americano produz mais diminutivos que o espanhol peninsular, e não somente com advérbios, mas com substantivos e adjetivos. Advérbios diminutivizados como *afuerita* e *ahorita* são tidos como traços característicos do espanhol americano comparado ao europeu (Malaver, 2018, p.10)⁴.

No que se refere aos *corpora*, trata-se de nove entrevistas sociolinguísticas⁵ semiestruturadas, isto é, formadas por perguntas abertas pensadas previamente, o que dá espaço para o entrevistado discorrer livremente sobre os temas propostos. As perguntas somente são feitas caso a interação não flua. Os temas abordados versavam sobre família, lar e trabalho. São três mulheres de cada capital, a saber: Havana (Cuba), Caracas (Venezuela) e Cidade da Guatemala (Guatemala). A faixa etária é entre 24 e 59 anos. Foi analisada uma mulher de cada subgrupo – mais jovem, mediano e de idade mais avançada. Todas com nível superior de escolaridade. Neste sentido, Malaver (2018) afirma que, na comunidade caraquenha, os diminutivos não apresentam diferenças de uso segundo a idade ou o grau de instrução do falante, mas sim de acordo com o sexo.

No tocante à natureza da atividade entrevista sociolinguística, entendemos por “atividade” toda situação comunicativa socialmente constituída e culturalmente reconhecida, orientada para uma meta, podendo envolver diferentes graus de padronização (Levinson, 1992). Os graus de padronização estão relacionados aos tipos de contribuições permitidos como participantes, local, duração da atividade, o que é dito e como é dito, etc.

⁴ No original: “Hay que destacar que los estudios generales sobre la formación de diminutivos han confirmado que el español americano produce más diminutivos que el español peninsular, y no solo con adverbios, sino con sustantivos y adjetivos. Adverbios diminutivizados como *afuerita* y *ahorita* se toman como rasgos característicos del español americano frente al europeo” (Malaver, 2018, p.10).

⁵ O PRESEEA é um projeto criado para compilar um *corpus* oral de língua espanhola representativo do mundo hispânico em sua variedade geográfica e social. <https://preseea.uah.es/>

Segundo Briz (2005), a entrevista é um discurso (a) oral, uma modalidade produzida e recebida pelo canal fônico, (b) dialogal, devido a sucessão de turnos, (c) imediata, já que se desenvolve na coordenada espaço-temporal, aqui e agora, (d) cooperativa, porque é co-construída e (e) dinâmica, pela contínua mudança de papéis entre os interlocutores (ora um interlocutor é falante, ora é ouvinte). No entanto, para Briz (2005) e Kerbrat-Orechioni (2005) a entrevista não pode ser considerada uma conversa, porque, dentre outros fatores, possui certo controle na alternância de turnos. Portanto, os resultados desta pesquisa informam sobre a função pragmática dos diminutivos em uma entrevista semiformal com tópicos pré-estabelecidos.

3.1 Uma classificação morfopragmática

As formações diminutivas se encontram em um continuum funcional que vai do polo referencial ao subjetivo, tendo no meio deste trajeto sobreposições de funções, ou seja, podemos encontrar diminutivos que, ao mesmo tempo em que apresentam uma ideia dimensional, também contribuem para a expressão da subjetividade do falante, interferindo assim na interação com seu interlocutor. Tendo em vista que o uso subjetivo de uma formação diminutiva provoca uma reação no interlocutor que vai além do enunciado, podemos afirmar que a semântica está a serviço da pragmática.

Para os fins desta pesquisa, observamos em que estágio de lexicalização se encontram as formas diminutivas selecionadas e consideramos em estágio avançado de lexicalização as formações que não são mais sentidas coletivamente como derivações, embora possuam base livre e o autêntico sufixo. Essas formações não são intercambiáveis com o grau normal. Em estágio médio de lexicalização estão as formações que ainda se alternam com o grau normal, sendo interpretadas ora como derivadas, ora como não derivadas por diversos falantes

em diferentes contextos. Por último estão as formações em estágio baixo de lexicalização sentidas como derivações reais. Deste modo, investigamos somente as ocorrências em estágio médio e baixo de lexicalização.

A categorização morfopragmática construída a partir da junção dos modelos de análise de Ezarani (1989) e Turunem (2009) ganhou forma após a observação dos dados nos *corpora* e contempla critérios contextuais e cotextuais. No que tange ao aspecto contextual, consideramos dois polos, um de uso referencial – interpretado como “X é pequeno” – e no extremo oposto os usos subjetivos. O polo subjetivo se divide entre os usos (a) afetivo positivo – que estabelece uma relação de afetividade com seu referente, (b) afetivo negativo – que marca uma relação de insatisfação, de crítica, e de pejoratividade no que diz respeito a seu referente, e (c) a serviço do trabalho de face – que se refere exclusivamente à relação com o interlocutor, podendo ser interpretado como uma aproximação social e/ou um distanciamento linguístico. Este recurso pode favorecer a face do falante ou a ambas as faces envolvidas na interação.

Com relação ao aspecto cotextual, os critérios desenvolvidos por Ezarani (1989) fornecem subsídios à análise contextual de uma determinada ocorrência diminutiva a partir dos elementos circundantes. Os critérios cotextuais especificados a seguir favorecem a classificação de uma ocorrência com função referencial (dimensional): (1) o referente da palavra base é passível de redução de tamanho; (2) há possibilidade de substituição da forma sintética pela analítica; (3) há possibilidade de coocorrência do adjetivo pequeno com a forma diminutiva e (4) o referente da palavra base traz em si a ideia de pequenez.

Os critérios cotextuais que contribuem para a definição de uma ocorrência como de afeto positivo são: (1) o referente da palavra base não é passível de redução em termos concretos; (2) presença de referenciadores de primeira pessoa; (3) presença de estruturas reiteradoras de apreciação positiva e (4) repetição do objeto de afeto.

No que concerne aos critérios cotextuais que favorecem a interpretação de uma ocorrência como sendo de afeto negativo: (1) o referente da palavra base não é passível de redução em termos concretos; (2) presença de dêiticos de segunda e terceira pessoas; (3) presença de indefinidor acompanhado de dêiticos e (4) presença de estruturas reiteradoras da pejoratividade.

Baseados nas teorias que exploram o conceito de trabalho de face, buscamos corroborar duas noções, a da função pragmática como inerente a toda interação e a dos usos diminutivos a serviço da construção de face, traçando um paralelo quanto ao uso dos mesmos nas três variedades em questão. Em todos os 163 resultados buscamos identificar as causas promotoras das formações diminutivas, atentando para o contexto e o cotexto transcritos em cada entrevista.

Isso posto, na próxima seção analisaremos as formações diminutivas encontradas na fala das mulheres de Havana, Caracas e Cidade da Guatemala.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como já foi mencionado, foram analisadas nove entrevistas do corpus PRESEEA, sendo 3 mulheres de cada uma das variedades, todas entre 24 e 59 anos, com nível de escolaridade alto (superior completo). Os temas das entrevistas versavam basicamente sobre família, a cidade em que vivem e profissão.

Nas próximas linhas, apresentamos os dados quantificados, em seguida analisamos algumas ocorrências para exemplificar como se deu a classificação de cada um dos diminutivos encontrados e comparamos os resultados para as três variedades. Os trechos das entrevistas são identificados com M de mulher e a idade da entrevistada.

Em um total de 102.807 palavras nas nove entrevistas, encontramos:

Tabela 1: Dados dos *corpora* quantificados

	Cidade da Guatemala	Havana	Caracas
Total de palavras	31.293	29.113	42.401
Total de dim's.	81 (0.25%)	56 (0.19%)	175 (0.41%)
Total de dim's de base subst. concreta	33 (0.10%)	31 (0.10%)	99 (0.23%)
FR dos dim's. de base subst. concreta	40%	55%	56%

Fonte: Própria

O total de diminutivos (*-ito*, *-ita*) nos *corpora* inclui as formações de base adjetiva e adverbial. O cálculo da Frequência Relativa permite a comparação dos *corpora* e as ocorrências analisadas foram as de base substantiva concreta por serem passíveis de redução de tamanho.

No que se refere à classificação adotada como critério de análise, foram encontrados os seguintes resultados para a função desempenhada por cada uma das formações diminutivas nas entrevistas:

Tabela 2: As funções dos diminutivos

	Cidade da Guatemala	Havana	Caracas
Dimensional (Referencial)	6 (18%)	14 (45%)	37 (37%)
Afeto Positivo	23 (69%)	10 (32%)	35 (35%)
Afeto Negativo	0 (0%)	3 (9.6%)	17 (17%)
+ Interacional	10 (30%)	6 (19%)	8 (8%)

Fonte: Própria

De um modo geral, as ocorrências com função subjetiva de afeto positivo foram as mais frequentes nos *corpora*: 69% dos diminutivos para a Cidade da Guatemala, 32% dos diminutivos para Havana e 35% para Caracas. No caso da Venezuela, a função dimensional (37% das ocorrências) é ligeiramente superior à função de afeto positivo porque a função dimensional é frequentemente sobreposta a outras funções subjetivas. No *corpus* de Havana a função dimensional parece ser mais recorrente que a de afeto positivo, no entanto, tal resultado se deve ao fato de a entrevistada cubana de 48 anos relatar passo a passo como se faz um tomate recheado. Vale destacar que o tomate já possui um tamanho pequeno, portanto tudo o que é agregado ao tomate precisa ser de dimensão reduzida para caber dentro da fruta como recheio:

I: (...) le echas la mezcla / si tienes un cuadrito de queso se lo pones arriba como si fuera una tapita / lo vuelves introducir en la grasa // (M48).

A seguir apresentamos três exemplos (um de cada variedade) da função mais produtiva nos *corpora* – de afeto positivo, e demonstramos algumas marcas subjetivas de afeto positivo na fala das entrevistadas.

Quadro 1: Diminutivos com função de Afeto Positivo

Cidade da Guatemala (M45)	Havana (M58)	Caracas (M24)
I: (...) / a mi <i>abuelito</i> que era muy // mi <i>abuelito</i> le gustaban todas / todas las tradiciones aquí de Guate / entonces // eh creo que se mezcló muy bien eso ¿verdad? los dos estilos de vida // y fue bonito.	I: (...) yo pensaba hasta inclusive / ¡fíjate! / de jovencita <ruido = "I resopla"/> / poner una <i>escuelita</i> en la casa siempre tener una <i>escuelita</i> / <ênfasis> de gratis </ênfasis> / por supuesto / para explicarles a los niños y leerles / (...).	I: (...) entonces mi mamá le dijo a mi papá que ya estaba bueno // <cita> vamos a nuestra propia casa / a nuestro propio <i>techito</i> </cita> que ¿sabes? / es mucho más cómodo / haces lo que tú quieres y tienes la seguridad de que el día de mañana pues nadie te va a sacar de ahí //

As formações diminutivas – *abuelito*, *escuelita* e *techito* – são usadas pelas entrevistadas com função de afeto positivo. Tal classificação se justifica pelo contexto, como no caso em que a guatemalteca relata toda sua admiração pelos avós e pela vida que construíram juntos, ou no caso da professora cubana que sempre sonhou em abrir uma escola para crianças em sua casa quando se aposentasse, ou a jovem caraquenha que, ao contar as dificuldades de viver em uma casa alugada no centro da cidade, desabafa sobre a alegria de morar em sua própria casa, ainda que distante do centro.

No que se refere ao cotexto, podemos observar os referenciadores de primeira pessoa – *nuestra* propia casa, *mi* abuelito; a repetição do objeto de afeto – *escuelita*, *abuelito*, *techito* = casa; e estruturas reiteradoras de apreciação positiva – *bonito*, *de gratis*, *más cómodo*, *tienes la seguridad*.

A segunda função mais recorrente nos diminutivos encontrados é a dimensional que faz alusão à pequenez do objeto referido. No quadro 2, podemos observar alguns diminutivos com uso referencial.

Quadro 2: Diminutivos com função Dimensional

Cidade da Guatemala (M34)	Havana (M48)	Caracas (M57)
I: (...) se lo llevó a su casa porque como esa más grande es que mi casa es<alargamiento/>/acordate ahora las casas de ahora / carísimas pero son unos <i>huevitos</i> vos.	I: (...) la parte de adentro donde están las <i>semillitas</i> y esas cosas // tienes preparado una mezcla / que puede ser eeh mayonesa con <i>cuadritos</i> de / de <i>jamoncito</i> .	I: (...)/mi papá pasa a manejar un ca <palabra_cortada/> un taxi / en la época de Pérez Jiménez era obligado poner los <i>cuadritos</i> con que está ahora con los taxis / yo recuerdo perfectamente.

A função referencial dos diminutivos usados pelas entrevistadas – *huevitos*, *semillitas*, *cuadritos*, *jamoncito*, *cuadritos* – se comprova pelo contexto, como no caso da guatemalteca que alega não poder ficar com o cachorro porque sua casa é muito pequena, há também o caso da cubana que dá uma receita de

tomate recheado e todo o recheio deve vir em tamanho pequeno para caber no tomate, ou ainda a informante de Caracas que se refere aos pequeninos quadrados amarelos e pretos que caracterizavam os táxis venezuelanos. Ao observarmos o cotexto, identificamos a possibilidade de substituição da forma sintética pela analítica – *cuadritos/cuadros pequenos* e o referente da palavra base traz em si a ideia de pequenez – *huevo/huevito*, *semilla/semillita* etc.

No que concerne à função subjetiva de afeto negativo, nenhuma das informantes da Guatemala usou os diminutivos como recurso para expressar afeto negativo, o que pode dar indícios de uma comunidade de fala mais diretiva. Tal função tampouco foi produtiva nas outras duas variedades, foram 9.6% de formações diminutivas com esta função no *corpus* cubano e 17% no *corpus* venezuelano.

Quadro 3: Diminutivos com função de Afeto Negativo

Havana (M58)	Caracas (M36)
I: (...) pero eso me quedó <ruido = "golpecito"/> / eh eh / el aquello de por qué esa <i>blanquita</i> / me va a venir a echar la lagartija si yo / ¡cosas de niño! ¿no? / pero pero yo lo / lo cogí por esa parte / porque me pareció que me había humillado como negra <risas = "E"/>	I: (...) // y la niña me resultó tremenda rumbera ¿qué tal? / por eso es que dicen <cita> líbrate del agua mansa / que de la brava me libro yo </cita> // ¡tan calladita la <i>muchachita</i> ¿ah?! / tan / tan mojigata / tan de <i>lentecitos</i> ella/

As informantes utilizam as construções *blanquita*, *muchachita* e *lentecitos* atribuindo um afeto negativo a seus referentes – uma menina branca e uma menina que usava óculos –, como pode ser verificado a partir da análise contextual em que a cubana se mostra muito ofendida pelo fato de uma menina branca ter jogado uma lagartixa nela. A entrevistada comenta que a menina branca sabia de sua fobia por lagartixa e que ignorou esta informação porque o preconceito racial foi mais forte.

O relato da venezuelana também revela seu afeto negativo (decepção) pela colega de quarto da faculdade que parecia ingênua, tímida e recatada e se

mostrou outra pessoa na primeira festa da universidade. A informante conclui que a colega é dissimulada. Quanto ao cotexto, podemos observar a presença de dêiticos que distanciam o falante do referente – *esa* blanquita, a ironia – *tan* mojigata etc.

Ainda dentro da função subjetiva, contudo menos voltado ao objeto referido, e mais direcionado ao interlocutor (o entrevistador), podemos verificar como as informantes usam os diminutivos orientados principalmente para a interação, ou seja, para a manutenção da troca comunicativa – entrevista. Para que a atividade não fosse comprometida, observamos que algumas formações diminutivas foram utilizadas pelas informantes como estratégia de elaboração de face. Neste caso, as entrevistadas buscavam, principalmente, manter a imagem que elas haviam projetado e que estava sendo validada pelo entrevistador. Trata-se do que Goffman (2002) define como alinhamento, quando o falante se preocupa em falar coisas que estejam alinhadas à imagem projetada, pois qualquer incoerência entre o dito e a imagem pode gerar a perda da face\imagem.

Quadro 4: Diminutivos com função Interacional

Cidade da Guatemala (M34)	Havana (M58)	Caracas (M36)
I: (...) porque todos me llegan a preguntar <cita> mirá tal <i>cosita</i> haceme </cita> <cita> vaya aquí </cita> me encanta ayudar a la gente // entonces me identifico muchísimo aquí el ambiente de acá también es / es bonito / ya / entonces / yo me relaciono con la gente / y si puedo ayudar / a mis compañeros de trabajo los ayudo.	I: (...) ehh no / a ver / eso<alargamiento/> eso es una historia bastante larga / no sé si tengamos tiempo para aunque sea hacer un <i>resumito</i> // ehh cuando yo me gradué empecé a trabajar en la Escuela Latinoamericana de Medicina // ahí me hablaron de que podía<alargamiento/> desarrollar varias de / ramas de la física.	I: (...) porque no le gusta no le doy / ¡ay no! / yo una vez le di y ya no le gustó le gustó ya más nunca le doy / entonces lo que doy es lo que le gusta / que es <i>pollito</i> / y <i>arroquito</i> con carne molida / y más nada / porque como eso es lo que le gusta / yo no le doy más nada </cita> ¡no! // y así / bueno / muchas cosas / o sea / ese niño repitió / arriba // tercer nivel /

As construções diminutivas – *cosita*, *resumito*, *pollito* e *arrocito* – foram usadas com função interacional, pois estão atuando no âmbito da manutenção das imagens projetadas pelas informantes e validadas pelo entrevistador na interação. As ocorrências *pollito* e *resumito* apresentam funções sobrepostas de afeto negativo e [+ interacional]. É importante ressaltar que não é interessante para o entrevistador confrontar as imagens projetadas pelas informantes, posto que seu objetivo é coletar material linguístico, então quanto mais à vontade ficam as entrevistadas para falar, melhor para a pesquisa. A natureza menos conflitiva da atividade entrevista sociolinguística justifica a baixa frequência de diminutivos usados com função [+ interacional].

No exemplo da guatemalteca, o diminutivo *cosita* aparece em meio a um autorrelato que reforça qualidades próprias (face/imagem) mencionadas pela entrevistada anteriormente, como o fato de se classificar como uma pessoa solícita, que gosta de ajudar os outros. O diminutivo utilizado reduz a importância das coisas que ela faz pelos outros, porque o que ela comunica é que ela está sempre disposta a ajudar, não importa qual seja a demanda. A ocorrência no *corpus* da cubana aparece dentro de um pedido indireto, pois o entrevistador lhe pergunta se determinado projeto foi realizado no atual trabalho dela e ela julga importante explicar sob que circunstâncias se deu o projeto, mas ao entender que o objetivo da entrevista era outro, ela tenta convencer o entrevistador de que sua explicação não tomará muito tempo da conversa gravada.

É importante destacar que a palavra “resumo” já contém em si um sentido de redução, de algo mais condensado, sintético, mas ainda assim a cubana agrega à palavra base o sufixo diminutivo para atenuar o impacto que seu pedido de explicar melhor sobre o projeto causaria no tempo e na proposta da entrevista. Ao mitigar o impacto que seu pedido poderia gerar na atividade e, em consequência, em seu interlocutor, a entrevistada supõe convencê-lo e em um

espaço de tempo bastante curto, logo começa a contar a história do projeto. O tempo entre o anúncio do *resumito* e a história propriamente dita é marcada por (//) e um alargamento vocálico (ehh). Em um mesmo turno de fala, a entrevistada realiza uma atenuação linguística – estratégia interacional – e segue com o relato que ela julga ser importante para a manutenção de sua imagem.

De forma semelhante, a venezuelana faz uso das formações *pollito* e *arrocito* ao descrever condutas de sua sogra, que segundo ela tem muitos defeitos e atrapalha sua relação matrimonial com o filho dela. A entrevista contém muitos relatos que reforçam as críticas feitas pela informante à sua sogra. O exemplo no quadro 4 é mais um entre muitos. No caso em que aparecem os diminutivos *pollito* e *arrocito*, a entrevistada critica a forma como a sogra trata o neto, infantilizando-o e fazendo todas as suas vontades o que, segundo a caraquenha, atrapalha o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Deste modo, podemos constatar que as ocorrências atuam em um enunciado que, ao demonstrar os problemas da sogra, justifica as críticas feitas pela entrevistada e, portanto, protegem sua imagem de pessoa idônea, justa, que tem razão quando se queixa da sogra.

Em suma, podemos observar que o *corpus* das mulheres de Caracas foi o mais produtivo em formações diminutivas de base substantiva concreta (0.23%). Os *corpora* das mulheres da Guatemala e Cuba apresentaram a mesma frequência de uso dos diminutivos, ambos 0.10%. No entanto, se consideramos a particularidade do longo assunto sobre a receita do tomate recheado que aumentou sobremaneira as ocorrências de diminutivos, concluímos que as mulheres da Cidade da Guatemala ocupam a segunda colocação quanto à frequência de diminutivos de base substantiva concreta nos *corpora*. Portanto, as mulheres de Havana foram as que menos utilizaram os sufixos diminutivos nas entrevistas.

No que se refere às funções desempenhadas pelos diminutivos em cada *corpus*, as mulheres da Cidade da Guatemala foram as que mais usaram as formações diminutivas com função de afeto positivo (69%), em seguida, e com números muito próximos, as mulheres de Caracas (35%) e Havana (32%), respectivamente.

Quanto à função de afeto negativo, as caraquenhãs foram as que mais usaram os diminutivos com esta função (17%), seguidas das mulheres de Havana (9.6%). Não houve qualquer ocorrência com tal função no *corpus* das guatemaltecas.

A função subjetiva interacional foi mais expressiva no *corpus* da Cidade da Guatemala (30%), em segundo lugar em frequência de uso interacional estão as cubanas de Havana (19%) e por último as venezuelanas de Caracas (8%).

Já a função objetiva referencial foi mais encontrada nos *corpora* de Havana (45%) e Caracas (37%), ocupando as mulheres da Cidade da Guatemala a última colocação em frequência de uso dos diminutivos com função dimensional. Vale ressaltar que o *corpus* cubano recebeu um incremento de diminutivos com função referencial por conta de uma receita de tomate recheado.

Tendo em vista que os dados foram coletados de entrevistas semiestruturadas, ou seja, mais ou menos controladas, portanto, menos espontâneas e ainda assim foram encontradas 163 formações diminutivas analisáveis, podemos afirmar que os diminutivos são um recurso muito produtivo e multifuncional nas variedades analisadas no presente estudo. Afinal, além do uso referencial há uma pluralidade de usos subjetivos. Uma análise que considerasse os diminutivos de base adjetiva e adverbial e que fosse feita a partir de um *corpus* de interações espontâneas permitiria uma análise quantitativa dos dados e resultados qualitativos mais expressivos, no entanto, eliminaria a possibilidade de contrapor o uso objetivo aos subjetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso predominante de diminutivos com funções subjetivas nos *corpora* – 112 para 57 usos dimensionais – confirma a hipótese de que, em uma atividade como a entrevista sociolinguística, o entrevistado utiliza o diminutivo em contextos em que esse uso serve para projetar aspectos de sua face\imagem.

As funções referencial (objetiva) e de afeto positivo (subjetiva) foram as mais frequentes nas três variedades. Os diminutivos não são o recurso preferido para expressar afeto negativo em nenhuma das três variedades. Tal função é inexistente nas entrevistas das mulheres da Cidade da Guatemala, o que pode sinalizar uma comunidade de fala mais diretiva.

No que se refere à função subjetiva interacional, o trabalho de face provavelmente seria mais evidente em outro tipo de interação, pois como afirma Briz (2005), quanto menos cooperativa uma troca comunicativa, maior o risco de perda de face, portanto maior o trabalho de face para mantê-la. A entrevista sociolinguística é por natureza mais cooperativa, o que justifica os resultados encontrados.

Esta pequena amostra da Cidade da Guatemala, Havana e Caracas reafirma as inesgotáveis possibilidades de uso dos diminutivos (Zuluaga Ospina, 1970) e a principal característica desses sufixos, que é participar de ambas as noções valorativas e de pequenez (Nañez Fernández, 1973). E como morfema pragmaticamente relevante que é, as valorações feitas por meio dos diminutivos são seguidas de aprovação ou não por parte do interlocutor. Destarte, enunciar uma avaliação acarreta certo risco de ter sua opinião confirmada ou refutada pelo interlocutor e, portanto, implica trabalho de face.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, A. Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos. **Estudios lingüísticos**. 3.ed. Madrid: Gredos, 1967.
- BEINHAUER, W. La expresión Afectiva. In: MORTON, F. H. **El español coloquial**. Editorial GREDOS. Madrid, 1985.
- BRAVO, D. Actividades de cortesía, imagen social y contextos socioculturales: una introducción. In: _____ (org.). **Estudios de la (Des)Cortesía en español**. Estocolmo-Buenos Aires, EDICE, 2005, p. 98-108.
- BRIZ, A. Eficacia, imagen social e imagen de cortesía. In: BRAVO, D. (org.). **Estudios de la (Des)Cortesía en español**. Estocolmo-Buenos Aires, EDICE, 2005, p. 53-86.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- DRESSLER, W. U.; BARBARESI, L. M. Pragmatic explanations in morphology. In: PIRRELLI, V.; PLAG, I.; DRESSLER, W. U. (orgs.). **Word Knowledge and Word Usage: A Cross-Disciplinary Guide to the Mental Lexicon**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2020, p. 405-451.
- ESTERMANN, J. **Interculturalidad: vivir la diversidad**. La Paz: Instituto Superior Ecuaménico Andino de Teología, 2010.
- EZARANI, E. S. **Formações X-inho na fala carioca**. 1989. 146p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- GILES, Howard; COUPLAND, Nikolas; COUPLAND, Justine. **Accommodation Theory: Communication, Context, and Consequence**. Contexts of accommodation: Developments in applied sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GOFFMAN, E. A. Elaboração da Face. Uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. (org.) **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p.70-92.
- GOFFMAN, E. A. Footing. In: GARCEZ, P. M.; RIBEIRO, B. T. **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p.107-148.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: GARCEZ, P. M.; RIBEIRO, B. T. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p.149-182.

HANKS, W. F. Pierre Bourdieu e as práticas de linguagem. In: HANKS, W. F. / BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Org.). **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 33-63.

HERNÁNDEZ FLORES, N. **La cortesía en la conversación española de familiares y amigos**: La búsqueda de equilibrio entre la imagen del hablante y la imagen del destinatario. 2004. 261f. Tese de Doutorado. Universidad de Estocolmo, Estocolmo.

HU, J.; SÁEZ RIVERA, D. M. El diminutivo en el paisaje lingüístico de Madrid. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, 92, p.127-138, 2022. Disponível em: [<https://dx.doi.org/10.5209/clac.76734>]. Acesso em 20/08/2025.

JURAFSKY, D. Universal tendencies in the semantics of the diminutive, **Language**, v. 72, n. 3, p. 533-578, 1996.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Atos de Linguagem no discurso**. Trad. Fernando Afonso de Almeida e Irene Ernest Dias. Niterói: EdUFF, 2005.

LÁZARO MORA, F. A. La derivación apreciativa. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid, Espasa Calpe, 1999, p. 4645-4682.

LEVINSON, C. S. Activity types and language. In: DREW, P.; HERITAGE, J. (eds.). **Talk at work: Interaction in institutional settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 66-100.

MALAYER, I. Funciones del diminutivo en el español venezolano. **Cuadernos de Lingüística de El Colegio de México**, v. 5, n. 2, p. 5-44, 2018.

MENDOZA, M. Polite Diminutives in Spanish: A matter of Size? In: LAKOFF, R. T.; IDE, S. (orgs.). **Broadening the Horizon of Linguistic Politeness**. Amsterdam: Benjamins, 2005, p.165-173.

MILLS, S. Discursive approaches to politeness and impoliteness. In: Linguistic Politeness Research Group (org.). **Discursive approaches to politeness**. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2011, p. 19-56. Disponível em: [<https://doi.org/10.1515/9783110238679.19>] Acesso em 10/09/2025.

MOLINER, M. **Diccionario de uso del español**. Madrid: Gredos, 2007.

NÁÑEZ FERNÁNDEZ, E. Amado Alonso y el diminutivo. **Revista de filología y su didáctica**, v. 20-21, p.173-182, 1998.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2009.

REYNOSO NOVERÓN, J. Procesos de gramaticalización por subjetivización: El uso del diminutivo en español. In: EDDINGTON, D. (org.). **Selected Proceedings of the 7th Hispanic Linguistics Symposium**. Somerville, MA: Cascadia Proceedings, 2005, p. 79-86.

SPENCER-OATEY, H. Theories of identity and analysis of face. **Journal of Pragmatics**, n. 39, p. 639-656, 2007.

TANCHEVA, R. Los sustantivos diminutivos en español y en búlgaro. **Bulgaria Research Papers**, v. 56, 2018, p. 470-482. Disponível em: [https://www.academia.edu/74262357/LOS_SUSTANTIVOS_DIMINUTIVOS_EN_ESPA%C3%91OL_Y_EN_B%C3%91LGARO]. Acesso em 15/08/2025.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: GARCEZ, P. M.; RIBEIRO, B. T. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p.153-174.

TERKOURAFI, M. Beyond the micro-level in politeness research. **Journal of Politeness Research**, n. 1, p.237-262, 2005.

TURUNEN, V. **A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil**. 2009. 192p. Tese. (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZULUAGA OSPINA, A. La función del diminutivo en español. **Boletín del Instituto Caro y Cuervo**, n. 25, p.23-48, 1970.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 21 de outubro de 2025.

Aprovado em sistema duplo cego em: 30 de novembro de 2025.